

# ***VIDA, VIDA HUMANA, VIDA NA CULTURA*** ***(escrito dos “anos 60”)***

***Carlos Rodrigues Brandão***

## ***Um sentido em tudo? Ou nenhum?***

Antes de mais nada nós que somos educadores nos encontramos aqui com uma primeira pergunta.

Sua resposta? É sempre incerta, pois não se sabe exatamente como foi. Há diversas teorias tentando explicar como teria sido originado, criado, surgido ou lá o que seja, o nosso planeta: a Terra. O que nós sabemos hoje com alguma aproximação é que ela terá girado em volta de seu sol durante muitos anos sob a forma de uma bola de fogo com temperaturas de até 7.000. Durante talvez dois e meio bilhões de anos essa bola de fogo terá girado pelo espaço infinito e, como não tivesse energia própria, aos poucos ter-se-á esfriado. Os gases incandescentes iniciais terão se convertido em líquidos e em uma matéria sólida que cada vez mais se solidificava a ponto de se converter em uma crosta dura e resistente. Talvez a parte mais pesada (uma massa ígnea de ferro) terá mergulhado para o interior. Até hoje, nosso planeta é constituído desta massa incandescente em seu núcleo. É tal como um prato de sopa quente deixado a esfriar, nossa terra foi-se tornando menos quente das bordas para o centro.

Mesmo quando não era já matéria incandescente a Terra permaneceu milhões de anos sob temperaturas muito altas. Um grande calor espalhado pôr toda a superfície do planeta. Com os primeiros líquidos e tão alta temperatura havia muita umidade e conseqüentemente muita evaporação. Nuvens densamente carregadas de água despejavam chuvas torrenciais sobre a superfície do planeta. Não chuvas de alguns dias, mas, dentro desses milhões de anos, verdadeiros séculos de tempestades varriam o planeta ainda deserto de qualquer forma de vida.

Não se sabe exatamente quando, nem como foi. Mas depois de pelo menos dois e meio bilhões de anos (talvez muito mais) a terra ter-se-ia resfriado o suficiente para poder receber em seu seio formas novas de “existir sobre ela”.

Num mundo quente, ainda em banho-maria, submetido a tempestades contínuas com raios e trovões, alguns elementos já presentes na superfície da Terra terão começado a se combinar. Desta combinação certamente apareceu a primeira composição físico-química capaz de se constituir como a base de um ser inteiramente novo no nosso mundo: *o ser vivo*.

Essa matéria, extremamente mais complexa do que todas as outras que lhe eram anteriores, ter-se-á originado no próprio oceano, ou terá sido finalmente levada para lá pôr efeito das chuvas incessantes. No grande mar formado

inicialmente pelos séculos de chuvas caídas sobre a Terra, o Mundo se transformou um dia, em Vida, e a vida acrescentou formas absolutamente originais de “estar no mundo”.

Não seria mais do que um microscópico ser unicelular muito simples e primitivo, mas já era uma forma dotada de movimento próprio, de capacidade de reproduzir-se, e suficientemente mais desenvolvido para começar a manter com o um do sistema de relacionamento completamente diferente de todos os anteriores.

Durante muitos milhões de anos estas formas vivas unicelulares terão povoado e dominado o fundo dos oceanos. Ainda que cada uma tivesse uma duração de vida muito curta, tinham também uma extraordinária capacidade de reproduzir-se e dar origem a outras formas novas (uma forma mais velha dividia-se em duas, dando origem a dois seres novos. Seus relacionamentos com o mundo não iam além da capacidade de abarcar elementos vivos menores para a alimentação e da possibilidade de se afastar de formas maiores e ameaçadoras. Mas que outra coisa qualquer existe no Universo, mesmo a maior estrela, era capaz de fazê-lo com um tal grau de liberdade?

Durante outros muitos e muitos milhões de anos estas formas simples terão sido os únicos habitantes vivos do nosso mundo. A menos que possamos acreditar em outras, pioneiras, mais espirituais, diferentes das surgiram depois. Diferentes da matéria da vida de que somos herdeiros. Mas dentro dos mares, ou dos primeiros charcos de águas doces (há dúvidas sobre o assunto) a vida se transformava sempre e incessantemente, sem parar, como se, uma vez saltando o fosso da existência, ela quisesse ousar, pouco a pouco, todas as existências. E ela começava a dar origem a seres maiores (dotados de maior número de células), e muito mais complexos (dotados de uma organização muito mais rica de elementos orgânicos que guardavam entre-sí níveis mais elaborados de organização interna). Estes seres novos, originados das primeiras formas de vida, seriam também capazes de realizar comportamentos muito mais livres e diversificados.

Há uns 350.000.000 de anos apenas, terá acontecido um fato muito importante na história da vida. Algumas formas vivas, os artrópodes (caranguejos, siris, etc.), começaram a sair dos oceanos para as praias próximas, para a terra. Mas foi somente a partir de uns 220.000.000 de anos que apareceram os primeiros seres capazes de viver suas vidas inteiramente fora da água. Nem mesmo para reproduzir suas crias precisavam voltar a ela. Estes seres foram os répteis, e os primeiros de seus representantes eram animais de porte gigantesco, que dominaram o planeta durante muitos milhões de anos.

Não tem mais de 100.000.000 de anos o aparecimento de um novo tipo de ser vivo extraordinariamente mais desenvolvido que os anteriores, com uma possibilidade de adaptação ao meio-ambiente muito maior, mercê de condições de mudança orgânica e adaptação comportamental bastante mais flexíveis. Os

cientistas os chamaram mamíferos, e foi a partir deles que se originou o próprio homem.

Antes de chegar a este momento, entretanto, vamos fazer uma pausa para olhar “de dentro para fora” e procurar compreender o que terá acontecido ao longo de todas estas transformações que atravessaram muitos milhões de anos.

A vida, desde quando apareceu no mundo, não cessou mais de se transformar. Em linhas muito gerais estas transformações se fizeram em duas grandes direções (ou dimensões, quem sabe?).

Uma delas foi responsável pelas modificações que ocorreram dentro de cada espécie. Pôr exemplo, há uns 70.000.000 de anos, os ancestrais de nossos cavalos atuais eram pequenos animais, não muito maiores que um cachorro comum, e dotados de patas com cinco dedos. Ao longo de milhões de anos esta espécie realizou duas formas de mudança que são básicas no processo das transformações de cada espécie viva: os cavalos ficaram maiores (passaram a ocupar um espaço físico maior), os cavalos modificaram suas patas no sentido de ficarem mais preparados para correr (especializaram o seu próprio corpo para correr).

Outra delas foi responsável pelo aparecimento incessante de novas espécies, tal como vimos muito ligeiramente. A vida precisa transformar-se sem parar para poder seguir existindo e se desenvolvendo. As espécies que perdem condições de continuar “em relação com o mundo” são eliminadas, e não só subsistem aquelas que mantêm estas condições, como aparecem sempre novas espécies, mais complexas, mais diversificadas, mais capazes de responder de formas mais variadas ao seu meio-ambiente.

Analisemos a primeira direção das modificações da vida: aquela que se passa no interior da cada espécie. De um modo geral, para cada uma delas, evoluir significa sempre uma conquista progressiva de uma maior organização vital.

Isso representa uma dimensão maior de “controle” sobre o meio-ambiente pôr causa de uma melhor flexibilidade de comportamentos. Essa conquista progressiva representa também a capacidade de adaptar-se mais ao meio ambiente através de um longo processo (como no caso do cavalo) de modificações corporais pelas quais partes do organismo se modificam, especializando-se mais e mais. Mas é esta mesma especialização corporal que garante uma melhor adaptação, a curto prazo, da espécie, aquela que termina pôr condená-la muitas vezes, a longo prazo, à extinção. A especialização corporal dos animais é irreversível e pode conduzir a uma superespecialização tão grande que as condições de adaptação se perdem e a espécie desaparece a partir do momento em que haja qualquer modificação em seu meio-ambiente.

*Pode-se descrever o animal altamente especializado como sendo um ser que se torna uma espécie de mecanismo ou ferramenta animada, adaptado e construído para um meio-ambiente e um modo de vida especiais - modificação esta que é inalterável e inadaptável.*

*Um exemplo excelente é a extraordinária adaptação das patas dianteiras da toupeira como instrumento de escavação. Além de depender destes órgãos especiais, acha-se tão ligado a eles que, se as condições mudarem, e eles não puderem mais serem usados, extingue-se o animal juntamente com os órgãos. (Lewis: 22.)*

*A diferenciação e especialização de um órgão, como a modificação do antebraço para se tornar uma asa, é um fator de superioridade imediato. Mas, por ser, irreversível, este fenômeno aprisiona o animal que passa pôr ele, forçando-o a seguir um caminho restrito, ao fim do qual ele pode terminar como uma monstruosidade, como pôr exemplo, o alce irlandês, que, pôr causa de seus chifres imensos, ficou com a cabeça pesada demais e extinguiu-se. A especialização mata. (Teilhard de Chardin: 143).*

No entanto, em uma outra direção, a vida, em linha ascendente de desenvolvimento, fez aparecerem seres cada vez mais “organicamente estruturados” que, uns após outros, dominavam a terra durante largos milhões de anos, até o aparecimento e dominância de uma espécie seguinte, ainda mais acabada e desenvolvida. Um trecho do mesmo autor de quem temos extraído idéias tão importantes, historia o que foi dito. Não é necessário compreender o significado preciso de cada um dos termos altamente especializados do trecho, para entender o desenrolar da sucessão da vida no mundo.

*O fato mais saliente na história evolucionária da vida é a secessão de tipos dominantes. Quando aparece um novo e melhorado, provavelmente em apenas em uma localidade e em um dado tempo ele não só suplanta os tipos anteriores, mas evolui numa variedade de formas novas. Se pensarmos na imensa variedade de insetos, estes artrópodes tão extraordinariamente bem sucedidos, teremos um exemplo excelente. Em tempos mais recentes o aparecimento de mamíferos de espécies tremendamente diferentes, a partir do progenitor-mamífero original, é outro exemplo do que chamamos radiação de adaptabilidade, pois cada tipo adaptou-se a um modo de vida espacial. Os carnívoros são depredatórios, os esquilos trepam em árvores e assim pôr diante. Em conseqüência. Um novo tipo bem sucedido torna-se dominante, e assim permanece até que seja suplantado por outro tipo ainda mais desenvolvido. Desta forma, nas*

*eras Sulerianas e no fim do período Devoniano, os peixes dominavam: nos fins do período Paleozóico, tanto os insetos como os anfíbios podiam candidatar-se ao título de grupos dominantes. A vitoriosa conquista do solo pelos répteis de pele dura, que punham ovos protegidos por cascas, transformou-os no tipo dominante pôr milhões de anos, e eles se ramificaram, assumindo formas as mais diversas, como o dinossauro, o pterodáctilo, capaz de voar, e o plesiossauro aquático, enquanto que, dentre as formas aquáticas, o peixe continuava proeminente e evoluía para formas mais eficientes (depois do período Mesozóico parou de evoluir). No recente período Cenozóico, os mamíferos passaram a dominar; e os répteis, além de serem empurrados para o fundo da cena, foram quase que completamente eliminados, com exceção dos crocodilos, lagartos, cobras e tartarugas. Todos os outros são apenas conhecidos sob a forma de fósseis. Alguns grupos, outrora dominantes, foram, de fato, totalmente extintos, como por exemplo, o ictiossauro, ou peixe-lagarto.” (Lewis: 20 e 21.)*

O que significam estas transformações da vida ao passar de espécie a espécie, de um para outro tipo dominante no cenário da nosso planeta? O que acontecia nesta longa e irreduzível série de modificações que a vida operou desde a primeira ameba até ao homem?

Uma conformação óssea mais desenvolvida e capaz de maiores movimentos; há uma progressiva independência maior do meio físico e, conseqüentemente, aparecem maiores possibilidades de adaptação variada dentro da espécie; o sistema nervoso e os músculos se diferenciam e se desenvolvem em grande medida ao lado de um decisivo aumento da capacidade craniana (cérebros maiores e mais diferenciados). Mas, de um ponto-de-vista ainda mais chegado ao educador (afinal toda esta história tem sido narrada para chegarmos ao educador), quais seriam as modificações mais significativas? Comparemos as possibilidades de existência no mundo de animais a vários níveis de evolução da “corrente da vida”.

Uma ameba, pôr exemplo. Ela nem sequer é gerada a partir da união de ascendentes macho-e-fêmea. Uma mais velha se biparte em duas mais novas. Estas pequenas amebas assim que aparecem “para a vida” são capazes de traduzir a totalidade dos comportamentos da forma anterior. Isso que dizer que elas recebem da forma anterior, de onde se originaram, a totalidade das matrizes comportamentais necessárias à sua sobrevivência. Elas não aprendem nada: são totalmente preparadas para viver e não são absolutamente preparadas para aprender. Os relacionamentos que mantêm com outros seres da mesma espécie não tem nenhum significado, ainda que vivam juntas aos milhões. Seus comportamentos adaptativos são mínimos: aproximar-se, emitir pseudópodes, afastar-se.

Um outro animal, muito menos primitivo, será capaz de manter relações com o mundo muito mais complexas. Suponhamos uma tartaruga. Ela é um réptil muito primitivo. Comparada com um macaco, por exemplo, mas muito adiantada na “linha da vida”, se comparada com a ameoba anterior. A mãe tartaruga deposita seus avos nas areias da beira dos rios, dos mares, e parte. Os ovos são “chocados” sob a areia quente, e quando as crias nascem, já saem em direção ao rio ou mar, sem precisar para isso da presença da figura materna. Quase todo o comportamento necessário à sobrevivência das tartaruguinhas também já “biologicamente herdado”. O pouco que por ventura falte é preenchido através de experiências que ela vive diretamente com o seu meio-ambiente. Em pouco tempo ela aprende a fugir e caçar, a procurar seu ambiente e escapar do que a ameaça. Suas possibilidades de aprender são ainda muito reduzidas (quem já tentou ensinar alguma coisa a alguma tartaruga?), e conseqüentemente as suas “possibilidades comportamentais” são também muito pequenas. Da mesma forma, suas relações com outros seres da mesma espécie são também muito limitadas mas tudo isso já é vivido em um nível maior de “liberdade relacional”, se comparado com a ameoba do primeiro exemplo.

*Mamífero é um tipo fisiológica e mecânicamente avançado, de todos os pontos-de-vista. É também capaz de modificar o seu comportamento de modo considerável, baseado na experiência. Aprende.” (Lewis: 21.)*

*Enfim, suas possibilidades comportamentais são muito mais amplas: Ele reage em seu meio de formas muito mais diversas. Ele se comunica com seu “mundo social” com os outros de seu grupo de maneiras muito mais profundas e variadas. O comportamento social de alguns antropóides (gorilas, orangotangos) tem surpreendido vários psicólogos. Por outro lado, estes macacos (ao longo da viagem evolutiva da vida, já tão próximos de nós!) dependem muito mais de seu grupo, de conviver interativamente com outros iguais em uma sociedade de funções distribuídas, mas nunca tão rigidamente como uma “sociedade de abelhas”.*

### **Nós, seres da cultura, sujeitos do aprender**

Essa é a linha de modificações da vida que nos interessa, como educadores. Vida que se transforma para lograr seguir existindo sobre a Terra: seres cada vez mais imediatamente despreparados para viver e cada vez mais preparados para aprender; níveis de especialização corporal cada vez menos restritos (ainda que a ameaça da superespecialização paira sobre todas as espécies anteriores ao homem); cada vez mais possibilidades de “criação comportamental” nas relações com o meio ambiente e com os outros seres da própria espécie; cada vez mais animais mais

capazes de constituir grupos onde aparecem mais e mais possibilidades de comportamentos interativos menos rigidamente determinados.

Até que ponto nos levaria esta corrente de modificações da vida ao longo destes milhões de anos, neste planeta cada vez mais preparado para receber seres mais complexificadamente estruturados? Teria chegado um momento em que a vida se encontrou com um impasse? Que impasse seria esse, e a que daria ele origem? De alguma forma de primatas (mamíferos que possuem mãos e pés com dedos, ao invés de garras), certamente de uma das espécies menos especializadas (porque sempre os grandes saltos evolutivos se dão no nível dessas espécies que ainda não atingiram um grau de superespecialização) terá surgido o primeiro hominídeo, os primeiros seres já possivelmente humanos, ainda que não pertencentes ao nosso nível de Homo Sapiens. Um desses grupos seguiria a linha de desenvolvimento da vida até que finalmente ela se tornou consciência e o homem emergiu no mundo.

*O homem pertence à ordem de mamíferos chamados primatas, que inclui os lêmures, macacos e antropóides, assim como os hominídeos ou homens. Entre os hominídeos encontramos muitos grupos extintos e uma espécie que sobreviveu, o Homo Sapiens, que somos nós. Os primeiros primatas eram animais pequenos semelhantes à víboras, e vários tipos lemuróides e tarsióides, dos quais surgiram os macacos primitivos,. Os macacos existentes, contudo, são bastante especializados e se desenvolveram afastando-se de seus primeiros progenitores pitecóides (semelhantes a macacos).” (Lewis: 27.)*

Isso que dizer que, de todos os descendentes dos primeiros primatas, alguns hominídeos simplesmente desapareceram pôr não conseguir manter-se em equilíbrio com o seu meio-ambiente. Os lêmures, macacos e antropóides, apesar de muito mais desenvolvidos do que os outros animais (sobretudo estes últimos), não escaparam ao túnel da especialização, e pode-se prever o seu desaparecimento futuro. O passo final dado pelas transformações da vida no sentido do “mais desenvolvido” ficou reservado à nossa espécie: o ser que não se especializa corporalmente, que começou a transformar o mundo e que trouxe a vida ao nível da consciência.

Há um longo trecho de uma escritora americana, Estelle Friedman. Claro que a situação descrita foi imaginada. Mas situações semelhantes ter-se-ão repetido muitas vezes, muitos milhões de vezes. Alguns elementos desta descrição poderiam ser a base de distinções importantes entre o homem e os seres que o antecederam.

*A estranha criatura de duas pernas aprumou-se ao sair da caverna localizada na orla inclinada do penedo, e espiou para a frente, à plena luz do Sol. Afastou dos olhos a hirsuta cabeleira de modo a poder mais facilmente observar o poço, longe, abaixo da elevada rocha calcária na qual ele se achava.*

*Nesse dia - há mais de meio milhão de anos - a atmosfera estava pesada de calor e umidade. Era um dia como outro qualquer, no bebedouro da planície. De tempos em tempos, vinham animais beberem ali, ou pastar a relva espessa. O visitante mais madrugador foi um tapir, grande como um cavalo. Depois veio o porco-espinho, um par de porcos e um bonito gamo de enormes galhadas.*

*O tímido calicotério também veio beber. Abaixou a pequena cabeça equinóide para a beira da água e desajeitadamente adiantou-se nas compridas pernas dianteiras e curtas pernas traseiras. Um hipopótomo gigante descansava preguiçosamente na água tépida, expondo ao sol ardente apenas a cabeça e o lombo.*

*Na jangal, logo além da planície, uma tribo de elefantes de presas retas lentamente se movia sob os carregados ramos das palmeiras e figueiras. A criatura bípede continuava a entrada de sua caverna. Não se parecia com nenhum dos bichos que vigiava tão atentamente. Ao primeiro relancear, poderíamos julgá-la um mono. O nariz era achatado; boca e dentes protuberantes. Fronte baixa, com fortes saliências acima dos olhos e do queixo meio retraído. Corpo atarracado e robusto, de metro e meio de altura.*

*Súbito, varou a tranqüilidade a aguda voz dos símios. Porém seus guinchos de aviso chegaram tarde demais para o gamo pastando à beira da água: um enorme tigre-dente-de-sabre já corria através da planície e pulara no lombo do cervo. Foi breve a luta. Logo o veado estava morto. Rugia o tigre e rosnava ao estraçalhar a carcaça com as compridas presas. Quando acabou de saciar-se regou a refeição com um bom gole de água do agora deserto poço. Lambeu as queixadas e vagorosamente encaminhou-se de volta à jangal, para dormir até o escurecer.*

*Agora, finalmente, moveu-se a criatura bípede. Desceu do rochedo e, andando ereto, rapidamente encaminhou-se para a planura. Na mão levava tosca machadinha de pedra feita a mão. Ajoelhou-se ao lado da ensangüentada carcaça do veado e começou a cortar em grandes pedaços a carne que sobrara.*

*Então, com uma forte pancada do cabo de sua machadinha, rachou o crânio do animal.. Levando à boca as duas metades em que ficou*



*dividido o crânio, gulosamente chupou-lhe os miolos, nutritivos e ainda quentes.*

*Como fizera o tigre, com um gole de água ajudou o alimento a descer e voltou ao abrigo da caverna para dormir. Levava os pedaços de carne que cortara para se alimentar a si mesmo, e à família, nos próximos dias.*

*Essa criatura sem testa, sem queixo, com duas mãos e duas pernas, que andava ereto - era um homem. (Friedman: 7 e 8.)*

Muitos comportamentos desse estranho nosso parente primitivo eram em tudo semelhantes aos dos animais anteriores a ele na escala da vida. Mas alguns comportamentos, algumas possibilidades de seu organismo, algo do que ele começou a introduzir no mundo já era totalmente original.

Um ser sem garras e sem asas, sem couraça alguma e sem a velocidade e a força de inúmeros outros que o rodeavam em seu dia-a-dia. Um ser certamente muito mais frágil e despreparado que os outros, sempre especializados em alguma forma corporal que lhes valia de defesa contra os perigos do meio-ambiente. Visto superficialmente, apenas o frágil resultado de uma longa corrente de modificações que a vida fez desfiar no mundo desde o primeiro protozoário unicelular que boiava nos oceanos. Entretanto, em seu corpo, em seu comportamento e naquilo que o introduziu no mundo. Este estranho ser peludo e primitivo começou a criar as condições para dominá-lo inteiramente.

Seu corpo não se especializou em nada. Nenhuma das partes do corpo, que em outros animais virou arma de defesa ou instrumento de fuga, foi igualmente especializado no caso do homem. Ele desenvolveu enormemente um conjunto integrado de funções biopsíquicas que talvez tenham tornado seu organismo ainda mais frágil, na medida em que ele evoluía, mas que condicionaram um muito as formas de comportamento que ele pôde finalmente adotar para sobreviver no mundo e desenvolver-se nele.

Mais que qualquer antropóide o homem desenvolveu a capacidade de permanecer “de pé” pôr muito tempo, sem desequilibrar-se e sem se cansar. Aposição ereta veio a se tornar uma constante. Afinal, os outros macacos moravam em árvores e para elas fugiam em caso de perigo. O homem escolheu viver no chão, quase sempre fora das florestas, em campinas de capim alto. Sobre seus pés ele podia avistar ao longe e preparar-se para o ataque ou a fuga.

Suas mãos perderam muito em força, comparadas com as de outros animais, mas desenvolveram-se a ponto de ele ser capaz de apreender objetos e movê-los com muito mais facilidade e precisão. Seu polegar tornou-se perfeitamente oposto aos outros dedos, e isso facilitou seu relacionamento com “as coisas do mundo” (experimente usar as mãos sem usar o polegar).

As várias espécies de animais vêm de forma muito diferentes. Mesmo os mamíferos vêm duas imagens quando olham para qualquer coisa, e raramente vêm com precisão objetos situados perto de seus olhos. O homem desenvolveu uma imagem perfeitamente binocular e estereoscópica. Ele distingue muitas cores, enxerga bem qualquer objeto situado a apenas 30 centímetros de seus olhos, e vê apenas uma imagem de cada coisa, com os dois olhos.

Mais ainda, como nenhum outro animal, o homem consegue manter os seus olhos definitivamente fixos sobre aquilo que está em suas mãos. Esta fato, aparentemente sem importância, é absolutamente necessário para o exercício de uma função que se tornou cada vez mais indispensável para a sobrevivência do homem: a concentração.

As mandíbulas, que mesmo nos macacos mais adiantados são ainda usadas para segurar as coisas e para a defesa, no homem são deixadas livres. Assim elas começam a se preparar para funções que exigem uma forma de articulação muito mais complicada. Um dia o homem começaria a usar sua boca para estabelecer uma maneira inteiramente nova de comunicação a linguagem.

Finalmente seu sistema nervoso seria extraordinariamente desenvolvido e capacitado para funções extremamente complexas. Este desenvolvimento atingiria a sua culminância no cérebro humano, muito maior proporcionalmente, que o de qualquer outro ser vivo, muito mais complexo, logo muito mais capaz de operações mentais absolutamente desconhecidas para os seus ascendentes.

Um ser tão pouco corporalmente especializado, e pôr outro lado, tão capaz de coordenar várias partes de seu corpo no sentido de “comportar-se em seu mundo”. Ele nem se adapta corporalmente na mesma medida em que o fizeram pôr milhões de anos as outras espécies vivas sobre a Terra; ele não transforma, ao longo de sua própria evolução, parte alguma de seu corpo no sentido de constituí-la como uma ferramenta através da qual pudesse garantir a sua sobrevivência. A espécie humana escapou da extinção a longo prazo pôr haver sabido esquivar-se da superespecialização. Mas, em contrapartida, o grau de “despreparo para viver” chegou a um ponto máximo quando a vida atinge o “nível do homem”.

O homem não poderia sobreviver, se dependesse de transformar-se organicamente. Ele já é produto de um alto nível de organização corpórea e terá surgido de um ancestral pouco especializado também.. Ele não se transforma em ferramenta, logo precisou transformar o mundo em suas ferramentas. E começou a extrair do mundo, das coisas do mundo, os seus objetos, aos quais transformava e dava uma significação nova. Há muitos milhares de anos um osso de animal foi transformado em uma clava (Quem viu “2001, uma Odisséia no Espaço?”); muito depois, uma pedra foi lascada e transformada em uma faca muito rudimentar. Tudo isso era inicialmente muito primitivo, e durante muito tempo o homem dependeu desses toscos instrumentos. Mas já era um fato absolutamente novo no

mundo. A esta porção do mundo transformada pela consciência do homem através de seus olhos e suas mãos, damos o nome de cultura.

*O homem, ao contrário, não se modifica transformando-se numa ferramenta; ele faz suas próprias ferramentas, e desempenha todas as diferentes funções usando máquinas e ferramentas separadas. Ele não se adapta a uma única relação. Faz, usa, escolhe e elimina suas ferramentas. Assim, quando as condições mudam, o homem não se extingue, inventa novas ferramentas e métodos. Age assim pôr ser um, primata não especializado que desenvolveu mãos e cérebro. (Lewis: 22 e 23.*

O homem descobre então uma dimensão nova de viver com o seu mundo. Opõe-se a ele, não o aceita tal como é. Transforma-o progressivamente cada vez mais; começa a dar significado cada vez mais amplos e seguros às próprias coisas, que transforma em seu meio-ambiente; e começa finalmente a atribuir significados à sua própria maneira de transformar este mundo, ao modo como transforma coisas de natureza em objetos de cultura.

Alguém poderia dizer que inúmeros animais faziam isto antes mesmo que o homem. As abelhas e formigas são insetos. Vivem no mundo muitos milhões de anos antes do aparecimento do homem. E desde quando vivem são capazes de construir habitações (colmeias e formigueiros) consideradas até hoje como verdadeiros prodígios de arquitetura e engenharia. O que ocorre é que todas estas construções prodigiosas não são mais do que simples extensões da própria corporeidade destes animais. Não há nenhum ato propriamente inteligente aí. Tanto é assim que as primeiras abelhas construía as mesmas colmeias muitos milhões de anos antes do aparecimento do homem e na mesma ocasião em que os homens (os primeiros homens) habitavam as cavernas. As mesmas colmeias elas seguem construindo, enquanto os homens evoluíram das cavernas primitivas para habitações extremamente complexas como os modernos arranha-céus. Só na obra do homem existe a possibilidade do progresso, porque ele não a realiza com o seu corpo (apesar de construir através do corpo), mas com a sua consciência.

O que significa “fazer com a consciência”? O que significa para o homem “ter consciência”, ou “ser consciente”?

Todos os animais têm alguma forma de inteligência. Alguns são capazes de resolver problemas bem difíceis, como certos macacos antropóides que foram recentemente estudados pôr psicólogos. Mas ao nível da pessoa humana a inteligência que havia na vida mudou-se em dois sentidos: um aumento significativo de quantidade, e uma profunda modificação qualitativa.

Este extraordinário desenvolvimento do cérebro humano possibilitou um grande “aumento de inteligência”. Neste nível o homem pôde representar

operações intelectuais sumamente complicadas, inventar uma forma de comunicação tão complexa como a linguagem (símbolos em alto nível de abstração), e colocar-se frente à possibilidade de simbolizar situações e acontecimentos em várias dimensões de tempo e espaço.

*Definiu-se o raciocínio como a capacidade de resolver problemas sem necessidade de recorrer a qualquer processo físico de tentativa e erro. Em vez de se procurar fazer uma coisa com as mãos, e talvez queimar os dedos, pode-se fazê-lo de cabeça, servindo-se de idéias, imagens ou símbolos das ações que deveriam realizar-se. Outros animais além do homem comportam-se certamente como se raciocinassem neste sentido. Em face de uma banana colocada no meio de um tubo, fixo horizontalmente, aberto em ambas as extremidades, mas demasiadamente longo para que lhe pudesse chegar, um chimpanzé descobriu a maneira de empurrar a banana com um pau pôr uma extremidade do tubo e depois agarrá-la pela outra, e fez esta descoberto sem necessidade de gastar movimentos inúteis, apenas conservando-se imóvel e raciocinando. O chimpanzé deve ter imaginado a banana em várias posições pôr então inexistentes, antes de tê-la achado. Mas não precisou se afastar muito da situação concreta que se lhe deparava. O que distingue o raciocínio humano é poder distanciar-se incomensuravelmente mais da situação real presente do que o raciocínio de qualquer outro animal parece distanciar-se. Neste passo decisivo e distinto, a linguagem foi com certeza um auxiliar precioso. (Childe: 35.)*

O homem desenvolveu entretanto uma forma de pensamento ainda muito mais extraordinária. Uma forma de perceber o mundo, e de pensar, em que ele mesmo se incluía. Frente, pôr exemplo, a um animal que procura caçar, o homem primitivo era capaz : de perceber o animal; de avaliar o significado deste animal para si (“animal menor e comestível, caçar e comer”; “animal maior e furioso, fugir”); logo, de perceber-se a si mesmo percebendo o animal; de perceber e representar a situação total: eu-animal-relação- eu-animal-circunstância-em-que-se-passa-esta-relação.

Em última análise - depois de passar de animais “menos inteligentes” - para espécies “mais inteligentes” - quando chega no homem, a vida não só introduz no mundo um ser muito mais inteligente (capaz de resolver problemas muito mais complexos), como faz emergir o ser *consciente*, onde a inteligência se torna reflexiva, ao voltar-se para o próprio sujeito humano que conhece alguma coisa em seu mundo.

*De agora em diante, o progresso depende do uso do cérebro, do desenvolvimento dos utensílios, da engenhosidade e da capacidade de escolha humanas, das finalidades e do esforço do homem. A evolução humana não é mais biológica; e aquelas formas de variação e sobrevivência mais antigas passaram a ter uma importância limitada. O principal agente de transformação é de caráter cultural, tecnológico e organizador; é constantemente planejado e depende da vontade do homem. (Lewis : 34.)*

Certamente, esta forma nova de inteligência ter-se-á desenvolvido como uma absoluta necessidade de sobrevivência, para um ser vivo tão despreparado para viver. As o instrumento imediato desta transformação de inteligência terá sido sem dúvida a progressiva possibilidade de experimentar relações interativas cada vez mais ricas de liberdade comportamental e significações, entre os membros de um mesmo grupo. De fato, em animais já bastante próximos do homem (certos grupos de macacos antropóides), há uma enorme variedade de comportamentos entre membros de um mesmo bando, sendo que os indivíduos ocupam lugares e funções nunca tão rigidamente predeterminados como no caso de uma colmeia de abelhas, em que cada uma delas já nasce biologicamente predeterminada para a função que vai ocupar no grupo. A comunicação dentro de um mesmo grupo, quanto menos rígida e predeterminada, tanto mais exigia de seus membros, individualmente, formas de comportamento mais variadas e criativas. Só mesmo em situação de comunicação tão passível de variedade seria possível se preparar um nível de inteligência e um raciocínio consciente como aquele que emergiria com o homem.

Tudo que o homem criou para seguir existindo e se desenvolvendo foi feito a partir de formas também novas de grupo e sociedade que ele precisou e soube constituir. De bandos primitivos muito semelhantes aos dos macacos, o homem começou a estabelecer sociedades cada vez mais complexas e mais diversificadas, onde havia a possibilidade de se ocuparem em inúmeras funções, e onde os comportamentos de cada membro eram mais determinados pela própria estrutura de sociedade, do que pôr uma predeterminação biológica anterior. Vamos aprofundar um pouco mais estas idéias.

Numa colmeia de abelhas ou num formigueiro, diferentes “indivíduos” executam diferentes funções: uma reproduz, outras colhem alimento, outras defendem a habitação contra invasões de outros animais. Cada uma das funções é exercida pôr uma abelha ou formiga que já nasce única e exclusivamente preparada para fazer aquilo. Assim, não só as funções, como a própria organização da colmeia ou do formigueiro e predeterminada biologicamente.

Em determinados grupos de animais superiores há ainda uma rigidez tanto no número e tipo de funções como na organização da estrutura do grupo. Mas já há aí uma flexibilidade maior. Um lobo que lidera a sua alcateia pode ser substituído

pôr outro ( em geral lutam pôr isto ) quando fica velho ou quando aparece outro mais forte.

No caso do homem, não só pode haver uma enorme variedade de funções (e elas aumentam muito na medida em que o grupo se desenvolve), como há uma enorme possibilidade de cada pessoa ocupar várias funções ao mesmo tempo, ou mudar de uma para a outra. De certa forma, toda a sociedade se organiza progressivamente de acordo com as relações de trabalho que se estabelecem dentro dela, e é a partir desta estrutura (e não de condicionantes puramente biológicos) que as pessoas ocupam funções e desempenham papéis. Viver em sociedades assim complexas tornou-se uma condição cada vez mais necessária para o homem sobreviver e desenvolver-se.

Se precisou, desde sempre, “estar com o outro”, em grupos ou bandos errantes, para poder defender-se dos perigos do meio-ambiente, o homem - criando novas possibilidades de vida e ao mesmo tempo necessidades novas criadas em parte pelo próprio progresso que acrescentava ao mundo - terminou pôr depender inteiramente de existirem sociedades que passaram a se tornar cada vez maiores, mais problemáticas, porém mais capazes de “humanizar o próprio homem”.

Isso lhe fez retardar enormemente a sua maturidade psicológica. Na idade em que a maior parte dos animais já está plenamente “madura” e preparada para seguir sobrevivendo pôr si, a “cria do homem é ainda um ser totalmente dependente da presença e dos cuidados de indivíduos mais velhos do grupo, mesmo para as funções mais elementares: comer, limpar-se, defender-se, etc. Mas é através deste longo prolongamento da infância que o ser humano pode condicionar uma forma de aprendizado tão altamente complexa, que o prepara eficientemente para existir em um mundo tão rico de possibilidades comportamentais como o mundo humano. Porque pode aprender e modificar-se profundamente durante muito tempo o homem pode aprender muito mais e muito mais profundamente.

*A infância grandemente prolongada é da maior importância para o homem - inclui a retenção da adaptabilidade juvenil pôr vinte ou trinta anos, estendendo consideravelmente as fases posteriores de crescimento e diferenciação celebrais. Quanto maior o prazo para a chegada ao estágio final, melhor será o cérebro, pois terá mais estoques de informação, estará mais bem equipado pôr hábitos e habilidades, e será capaz de absorver conhecimento tradicional. No homem, temos a capacidade de viver muitos anos sem envelhecer, combinando a sabedoria da experiência com a elasticidade e adaptabilidade da juventude. (Lewis: 32.)*

A vida ao nível do homem estabeleceu novos limites de possibilidades. Em todas as direções possíveis ela se fez muito mais ampla e dinâmica. O próprio mundo recebeu um significado novo, uma dimensão humana, porque o homem ao transformá-lo o humaniza também.

Eis no cenário da existência um ser capaz de constituir uma sociedade, de criar cultura ao transformar e significar seu próprio ambiente, de aprender profundamente e fazer variar até limites inimagináveis às suas possibilidades de comportar-se. No ser, onde o ato de aprender vai até o nível da consciência, a aprendizagem se transforma em *educação*.

### ***Viver, conviver, aprender, saber – a educação***

Percorreremos uma caminhada longa seguindo os passos da própria vida e em busca de uma explicação para a forma da existência e a dimensão do homem. Descobrimos que ele vive uma experiência única no seu mundo. Resultado de um processo maravilhoso de transformações pelas quais passou a “vida no mundo”, o homem colocou-se em uma dimensão realmente original. Ele não se diferencia de tudo o que o antecedeu, apenas porque é “mais isso ou aquilo”. Quando a vida chega ao nível do homem há um verdadeiro salto qualitativo. Pôr isso o homem não é, pôr exemplo, mais inteligente, mais capaz, ou mais desenvolvido do que os animais, mesmo os mais próximos a ele. O homem representa uma forma absolutamente nova de “estar no mundo”.

Algumas coisas que o homem tem e faz são também comuns a certas espécies animais: a inteligência, a capacidade de aprender, a experiência de vida coletiva, etc. No entanto, tudo isso adquire um significado diferente no nível humano. De fato vimos como cada um destes aspectos é profundamente diverso quando se comparam macacos com o homem: os macacos têm inteligência, mas só o homem é consciente; os macacos aprendem, mas só o homem aprende até o ponto de precisar da aprendizagem em seu meio social para tornar-se um homem; os macacos vivem em grupos, mas só o homem vive uma verdadeira dimensão social (viver coletivamente; atribuir significados a esta vida coletiva; transformar, dentro das sociedades, o mundo de cultura; introduzir o progresso como resultado de seu trabalho coletivo).

Tudo o que o homem experimente se passa em sociedade. Assim, tudo o que pode ser colocado dentro da *educação* é uma atividade social em todos os seus sentidos. Procuremos descobrir o significado dessa afirmação, e que conseqüências ela tem.

Quando se diz que o homem “é um ser social” (frase tão difundida hoje em dia), o que se quer afirmar são duas coisas: o homem vive em sociedade, ele

comparta suas experiências com outros; ele precisa viver em sociedade, sua forma própria de existir como homem é dentro de situações sociais. “Viver em sociedades” e “precisar de sociedades para viver”, significam pôr sua vez outras duas coisas importantes. Vamos destacá-las agora com cuidado e analisar cada uma delas.

1. O homem existe em sociedades, porque cria sociedades e as mantém para sobreviver como homem.

2. O homem existe em sociedade porque é nelas que cada indivíduo se transforma em uma pessoa humana.

### ***As bases da Educação: da sociedade para a pessoa***

Muito do que teríamos a dizer inicialmente aqui, já foi dito páginas atrás, quando explicávamos a sociabilidade do homem como uma de suas características principais, e como condição de sua existência. Resta analisar agora o que é essa sociedade e como ela se estrutura basicamente, para ser, entre outras coisas, um cenário cultural múltiplo e diferenciado aberto a atividades interativas de ensinar-e-aprender.

Vista de relance, a sociedade humana parece um complicado amontoado de pessoas e acontecimentos entre estas pessoas. Vista com mais cuidados ela se mostra como uma estrutura organizada (com graus muito variáveis de organização, é evidente) que distribui pessoas, grupos e instituições, e que condiciona todas as possibilidades de relacionamento destas pessoas, grupos e instituições. A sociedade humana é uma estrutura constituída a partir de interações coletivas a que damos o nome de processos sociais. Na mesma medida em que estes processos “fazem a sociedade” eles são determinados pela própria estrutura social. Isso parece um pouco complicado inicialmente, mas nosso propósito agora é desdobrar cada uma destas idéias importantes. Muito do que estudaremos acontece não só na sociedade como um todo, como em muitas de suas instituições formais ou informais.

Imaginemos, inicialmente, uma relação muito simples entre duas pessoas. Imaginemos duas pessoas que não se conheciam anteriormente e que se encontram um dia pela primeira vez. Cada um de nossos atores nada sabe em concreto a respeito do outro. Mas se são participantes de uma mesma sociedade, então é possível que sejam capazes de apontar de saída uma série de “reconhecimentos” do outro: pela roupa que usa, pela maneira de andar, pelo corte de cabelo, pôr algum instrumento que carregue consigo, etc. A partir deste mínimo de dados que um tem do outro, antes mesmo de começarem a se falar, cada um é capaz de “se preparar” para entrar em interação com o outro. Cada um é capaz de se comportar frente ou outro no sentido de influenciar, de alguma forma, o comportamento deste outro. Cada um é capaz de permitir-se influenciar pelo comportamento do outro. No momento em que começam a conversar trocando um mínimo de informações



inicialmente, cada um começa a objetivar o seu mundo interior para o outro através de todas as formas de comportamento que venha a fazer. Esta objetivação já é parte de um comportamento social. Ele se passa entre dois protagonistas e pode ser agora chamado de uma ação social. Não confundir esta expressão sociológica com o sentido filantrópico dado muitas vezes a ela.

Suponhamos que uma boa parte dos comportamentos de nossos dois protagonistas se repita. (Proponho chamá-los de A e B, não são nomes muito bonitos, mas são os mais econômicos. Por exemplo, cada vez que A se encontra com B, estende a mão e emite os sons “bom dia”. B estende também a mão e repete os sons “bom dia”. Ao longo das experiências que vivem em comum, B aprende a responder de uma tal forma toda vez que A tem um determinado comportamento para com ele, e vice-versa. Depois de algum tempo A já possui algumas experiências pessoais de seu então amigo B. O mesmo se passa com B, frente a A. Pois bem, a grosso modo podemos dizer que a relação entre A e B é em grande medida tipificada: cada um conhecia um pouco do outro, logo de saída, porque a simples presença do outro transmitia informações compreendidas, porque os dois vivem na mesma sociedade; cada um ficou conhecendo reações típicas do outro; cada um se acostumou a agir de uma forma determinada em função dos comportamentos do outro. Em grande medida os dois conseguem agora se comunicar muito melhor porque grande parte do "mundo e do comportamento de cada um" é conhecido do outro.

Toda relação humana, ou parte de tipificações já existentes ou cria tipificações. Na verdade, a maior porção das relações entre duas ou mais pessoas parte de tipificações e cria tipificações. Essas tipificações são uma espécie de percepções e representações a respeito dos outros, de nós mesmos e de todas as situações em que se passam, as nossas relações com os outros: nossas ações sociais.

Ora, toda vez que entre A e B se estabelece uma tipificação comum condicionadora da ação social entre eles, dizemos que essa ação social foi institucionalizada. A forma de cumprimentar um ao outro, sempre que se encontram, na medida em que se torna comum para A e B, é institucionalizada. Transforma-se numa instituição muito simples entre duas pessoas.

Ações sociais repetidas e finalmente integradas como uma forma compartilhada de comportamento dentro da sociedade são institucionalizadas mediante este processo social de institucionalização. Algumas destas ações sociais se transformam em situações formalmente organizadas: posições ocupadas pelas pessoas, funções e papéis que elas podem ou devem desempenhar, normas de relacionamento entre elas, etc. Assim aparecem na sociedade as instituições sociais.

Nas chamadas sociedades primitivas como as tribos indígenas que temos no Brasil, tanto estes processos de institucionalização social como as próprias instituições podem ser percebidas com mais evidencia. Alas são muito mais

simples, mais permanentes e mais evidentes. Numa sociedade extremamente dinâmica e complexa como a nossa as instituições estão sempre se modificando, assumindo novas formas, ou mesmo desaparecendo.

Entre este processo de institucionalização e a própria sociedade há uma relação de mútua dependência. Isso é um aspecto muito importante. As instituições sociais condicionam novas formas de institucionalização e estes processos podem modificar ou substituir instituições já existentes.

Quando formos estudar a EDUCAÇÃO veremos que ela, como instituição social, mantém um tipo de relação assim com a sociedade: serve para renová-la, para modificá-la, e é modificada, renovada pela própria sociedade. A sociedade, como estrutura, é resultante da integração de todas as suas instituições de tal forma que modificações em cada uma podem afetar ao todo social da mesma forma como modificações na estrutura social acarretam mudanças em todas as instituições. A todo momento assistimos isso em nosso dia-a-dia. O aparecimento de um novo elemento dentro da sociedade pode alterar muitos outros e ser modificado pelas próprias inovações que introduz.

Sabendo agora o que são as instituições sociais e como se relacionam com a estrutura social total, vamos ver um segundo processo mediante o qual a sociedade garante a sua existência e o seu progresso.

O resultado das ações sociais entre pessoas, dentro de uma sociedade não são apenas as instituições sociais. Tudo que existe dentro de um grupo social e é aceito pelos seus membros recebe um significado. O ato de dar “bom dia” é repetido e transforma-se em um comportamento institucionalizado. Ora, se formos interrogar duas pessoas acostumadas a cumprimentar desta maneira, elas poderão nos dizer duas coisas:

1 - que elas adotaram o “bom dia” como sua norma de comportamento em determinadas situações. Sempre que vêem uma pessoa conhecida pela primeira vez em um dia, até a hora do almoço, estendem a mão e pronunciam as palavras “bom dia”.

2 - que elas fazem isto porque acreditam que todas as pessoas educadas devem demonstrar de alguma forma o seu apreço para com os seus conhecidos.

As duas explicações servem para justificar o seu comportamento: uma através de um sistema normativo, outra através de um sistema de conhecimentos.

As duas explicações expressam um processo social tão importante como o de institucionalização, e que sempre o acompanha: o processo de legitimação. É através dele que tudo o que se torna instituído dentro de uma sociedade recebe uma justificação, uma explicação que faz com que a instituição seja objetivamente definida e subjetivamente aceita. É mediante legitimações em todos os seus níveis que a sociedade se explica e controla os comportamentos de seus participantes, individual ou coletivamente.

Se nos preocuparmos um dia em analisar cada uma das relações possíveis entre pessoas ou entre grupos dentro de nossa sociedade, veremos que elas estão em grande medida preestabelecidas (são institucionalizadas) e que existem formas mais ou menos consagradas de explicação e controle destes comportamentos institucionalizados. Pôr exemplo, os comportamentos entre pai e filho. À primeira vista parece ser um assunto muito íntimo e uma relação muito espontânea. No entanto, quase tudo que eles fazem um com o outro está socialmente estabelecido e receber explicações, significações que o pai pode apresentar de uma forma pessoal, mas que têm suas raízes sempre no seu “mundo social”. Pai e filho acabem pôr ter os seus comportamentos interativos bastante definidos, a porto de um normalmente saber o que deverá fazer o outro sempre que ele agir desta ou daquela forma. Os conflitos que surgirem entre eles serão justamente comportamentos que fugirão às normas esperadas pôr um ou pelo outro e isso fará com que seja necessário entre eles: mudar o comportamento conflitivo; mudar as normas; mudar grande parte ou toda a estrutura de comportamento entre eles.

Ainda que vivêssemos a vida toda dentre de sociedades muito simples (por exemplo, quatro pessoas perdidas o resto da vida em uma ilha deserta), sempre criaríamos comportamentos ou ações sociais definidas, e às vezes permanentes, e explicações destes comportamentos. As tribos indígenas mais primitivas ainda possuem sistemas de institucionalização e legitimação muitas vezes bastante complexos. Na mesma medida em que controlam o comportamento de seus membros, as instituições e legitimações tornam possível a vida em sociedade, e conseqüentemente a própria sociedade. É pelo fato de que eu posso prever atitudes e comportamentos em determinadas situações sociais que sou capaz de comportar-me socialmente também. O que seria de nós em nosso dia-a-dia, se qualquer comportamento dos outros fosse tão imprevisível que nunca soubêssemos como nos comportar para obter, de cada pessoa com quem nos relacionamos no cotidiano, um resposta esperada?

O conjunto das instituições sociais acaba pôr determinar a estrutura social que determina pôr sua vez, a cada momento, novas instituições:> famílias, entidades, grupos de amigos ou de praticantes de determinado esporte, leis, códigos de comportamentos, empresas, órgãos oficiais, etc. Uma estrutura social ou uma sociedade acaba sendo uma integração dinâmica interdependente de todas as suas instituições que distribuem e controlam os seus membros em todos os seus níveis.

Da mesma forma, vivemos todos em um mundo de significações. Este mundo é resultado de legitimações feitas também para todos os níveis das relações sociais. Cada um de nós tem um conjunto pessoalizado de “formas de compreender e justificar” o seu mundo e as suas próprias ações nesse mundo. São expressões pessoais das legitimações feitas e adotadas em sociedade.

Ora, no nível mais profundo e ao mesmo tempo mais abrangente destas legitimações, estão conjuntos de significados atribuídos principalmente às relações mais importantes entre homens dentro de uma sociedade. Aí estão as explicações que damos ao nosso mundo, ao significado da vida, ao problema de Deus e da vida futura, aos meios de alcançar a felicidade pessoal e a paz social, etc. Estes são os nossos universos simbólicos: os sistemas mais completos de “conhecimento coletivo”. Estes universos simbólicos não são necessariamente “verdades objetivas” a respeito de tudo o que é importante para a vida humana. Antes pelo contrário, em uma mesma sociedade podem subsistir múltiplos universos simbólicos a respeito do Mundo, do Homem e de Deus. Quantas religiões existem hoje no Brasil? Quantas crenças políticas ou ideológicas a respeito da felicidade das pessoas e das nações?

O homem institucionaliza e legitima a sua sociedade justamente porque ela é um “verdadeiro sistema aberto”. Agora ficam mais claras algumas diferenças que apontamos linhas atrás entre o “mundo humano” e o “mundo animal”. A sociedade animal, mesmo a das espécies mais adiantadas, é biologicamente determinada. Não há nada ao nível da cultura nem nada conscientemente feito. Assim, todas as relações são organicamente determinadas e, portanto, totalmente rígidas. Não há nenhum conflito, mas também não há mudanças, não há progresso. Ela se conserva garantida pelas relações imutáveis de seus participantes onde cada um cumpre exatamente a função que seu organismo permite.

Como na sociedade humana não há em absoluto predeterminação biológica ela tem que ser propriamente social. Ou seja, a própria sociedade ao organizar-se pela interação de seus membros organiza também os sistemas de controle destas interações. E tudo isso se faz dinamicamente através de mudanças progressivas que se intercomunicam. O mundo do homem não está determinado pelo corpo mas pela consciência e lá é um mundo onde “todas as coisas são possíveis”.

Vamos ver adiante que muito do que a sociedade estabelece está em função de suas necessidades de manutenção e desenvolvimento. Parte importante de sua cultura é destinada à criação de formas e sistemas mediante os quais as pessoas possam ser integradas na sociedade da melhor forma para esta e para aquelas. Parte desta cultura representa formas de permanente controle das relações entre as pessoas, entre as pessoas e os grupos e entre os grupos também. Tudo isso se passa em um universo social institucionalizado e legitimado, do qual a EDUCAÇÃO é um dos instrumentos mais importante.

### ***As bases da educação : da pessoa para a sociedade***

Todos nós nascemos em uma sociedade que nos é anterior, que já existia com suas instituições e seus universos simbólicos antes de nosso aparecimento. Mesmo a grupo social simples, como a pequena família que é nossa e onde nascemos, é um “pequeno grande mundo”\_cheio de relações, de lugares ocupados pelas pessoas, de tradições, de crenças e normas. Ela repete de forma muito reduzida muito do que se passa na sociedade.

Quase tudo que cada um de nós sabe quando adulto é o resultado de aprendizagens. Aprendemos a ver e a ouvir, aprendemos a pensar e a falar, aprendemos a andar e a saber para onde vamos, aprendemos a amar e a esperar, aprendemos finalmente a ser uma pessoa, e todos estes aprendizados são sociais: é dentro de grupos sociais que nós aprendemos, e aprendemos para viver integrados em grupos sociais que à sua vez participam de nossa própria sociedade.

A longa infância do homem não é um desperdício. Ele precisa dela para aprender a integrar-se em uma sociedade não biologicamente determinada, onde as possibilidades de comportamento são infinitas e altamente complexas. E ele tem que se preparar para o infinito, para o mutável, para o conflitivo, para o humano, finalmente.

Todo este longo processo de progressiva incorporação pessoal a uma sociedade preestabelecida tem sido chamado hoje em dia de socialização. Socializar-se, neste sentido, significa incorporar-se a um mundo organizado: de instituições através da integração pessoal em estruturas sociais; e de legitimações através da interiorização de conhecimentos e sistemas normativos sociais.

Uma grande parte deste aprendizado é feita “naturalmente”. Interações espontâneas entre a criança e seu mundo (seu meio-ambiente mais próximo) faz com que ela incorpore uma longa série de aprendizados muito significativos. Uma criança de apenas um ano já aprendeu quase todas as matrizes comportamentais de que lançará mão para “ser pessoa” em sua sociedade. Mas a parte que mais nos interessa desta incorporação é aquela em que a própria sociedade cria e estabelece grupos e instituições destinados a organizar partes da socialização de seus membros. A Educação é uma destas formas.

### ***As bases da educação: o seu significado social***

Se no mundo animal pode acontecer a *aprendizagem*, a *educação* só existe no mundo humano. O sentido deste acontecimento tão importante tem sido discutido e analisado através de muitos séculos e muitas civilizações. Toda a sociedade pratica a educação de alguma forma e mesmo nos grupos mais primitivos há pessoas e situações especializadas na transmissão de conhecimentos da cultura do grupo para seus novos membros.

Durante muito tempo o sentido social do processo educativo foi pouco acentuado pôr aqueles que se dedicavam à sua interpretação. Costumava-se acentuar o aspecto de “desenvolvimento da personalidade”, de “aperfeiçoamento das potencialidades do indivíduo ao seu máximo grau”, etc. Não há dúvida de que tudo isso são propósitos que não só a educação como toda a sociedade devem procurar realizar em cada um de seus participantes. Mas a uma investigação mais a fundo deixa claro que todo o processo educativo pode ser resumido em certas *instituições específicas* que elaboram e transmitem legitimações sociais.

Se quisermos dizer as mesmas coisas usando outras expressões (outras categorias sociológicas, como dizem os cientistas sociais), poderíamos usar a seguinte interpretação :para manter-se e desenvolver-se, as sociedades precisam estabelecer processos mediante os quais: os conhecimentos, as normas, as habilitações funcionais necessárias sejam eficientemente transmitidas, renovadas e retransmitidas. Pôr isso são estabelecidas técnicas sociais intencionalmente dirigidas à difusão da cultura socializada, aquela que recebe índices maiores de difusão pôr ser mais “socialmente necessária”. Essas técnicas sociais especialmente destinadas para a tarefa educativa envolvem todos os processos, métodos e técnicas de uso comum nas escolas, nas universidades, nos treinamentos de pessoal. A cultura socializada envolve tudo o que normalmente chamamos de “conteúdos da educação”.

Os vários níveis do ensino tradicional acompanham níveis correspondentes de socialização da criança, do adolescente e do adulto. Da primeira à oitava série, ao colegial, deste à universidade ou a cursos especializados, o que a sociedade faz é programar integrações progressivas de conhecimentos e habilitações mediante os quais o indivíduo se torna pessoa, ou se torna “sócio”, enfim, um alguém capaz de compartilhar através de interações significativas num máximo de dimensões, experiências sociais significativas em sua sociedade. Ao desenvolver-se, passa a poder contribuir cada vez mais efetivamente para o seu grupo social, e passa a conseguir aproveitar dele cada vez mais elementos capazes de realizá-lo como pessoa, como co-participante.

A educação tem, portanto, uma função de tornar comum a experiência social. È preciso enfatizar bastante este fato porque muitas vezes pensa-se que o papel da educação é justamente o oposto: o de diferenciar ao máximo as pessoas. Não há dúvida de que a originalidade e a criatividade pessoal são valores importantes para a realização pessoal, mas é a própria pessoa, ao viver “a experiência social da educação” em sua dimensão própria, que desenvolve em si a sua originalidade.

A educação como técnica social intencionalizada elabora e difunde o que é comum, o que pode ser compartilhado, e ao sê-lo, mantém em vigência as legitimações socialmente determinadas. Neste sentido ainda, a educação em si mesma não é nem só conservadora nem só renovadora. Ao transmitir das gerações adultas às

novas gerações os conhecimentos da primeira, ela de alguma forma conserva a cultura comum daqueles que detém os “instrumentos da educação”. No entanto, na assimilação feita pôr estas novas gerações, os conteúdos e processos da educação são renovados continuamente. Pôr outro lado, na mesma medida em que contribui para transformar a sociedade, a educação é transformada pôr ela própria, segundo sua direção e interesses.

Em nossa sociedade moderna a educação assumiu formas de uma variedade quase incontável. No entanto, se formos sintetizar a sua “missão” na sociedade, veremos que, em resumo, ela conserva basicamente os mesmos elementos com os quais participa da socialização do seus elementos e contribui para a vigência das estruturas sociais em que ela mesma se coloca como parte integrante. Quais seriam estas dimensões sociais da educação, em seus termos mais amplos?

a) *dimensão capacitadora*: através da qual as pessoal são preparadas para assumir funções específicas no trabalho produtivo e necessário ao provimento de vários níveis da tecnologia. Exemplo: o aprendizado de técnicas de trabalho agrícola ou industrial.

b) *dimensão instrumentalizadora* : através da qual a pessoa incorpora os signos e símbolos com que se capacita a comunicar-se na sociedade. Exemplo: alfabetização, aprendizagem de línguas, de cálculo matemático, etc.

c) *dimensão co-significadora* : mediante a qual a pessoa é introduzida no mundo das diferentes legitimações e co-significações de sua sociedade, até o limite dos “universos simbólicos” de seus grupos sociais, tornando-se capaz de co-interpretar os conhecimentos e as normas sociais de seu “mundo. Exemplo: o estudo de História, de Filosofia, Religião, etc.

d) *dimensão integradora* : seria a esfera socializadora no sentido mais restrito do termo, aquela mediante a qual a pessoa se incorpora pessoalmente em sua sociedade ajustando os seus comportamentos às exigências das várias instituições social em que vive. Cabem aqui são múltiplos os exemplos, quase toda forma de aprendizado , desde aquele que começa em casa, tem esta função, especificamente ou como uma “parte de aprendizagem”.

Claro que estas funções não são únicas nem distribuídas igualmente. Formas muito especializadas de educação podem introduzir algumas outras ou dar mais destaque a certos aspectos. Mesmo os treinamentos são formas especializadas de educação.

Esta visão mais dura e realista da educação parece tirar, em princípio, um pouco da “heróica poesia” com a qual ela é interpretada na maioria das vezes. Mas é justamente ela quem dá à educação de nisso tempo, uma dimensão de muito maior significado. Vivemos no mundo em que o homem descobre que é mais do que nunca senhor de seu próprio destino. Ele pode fazer ou não fazer a sua felicidade, ele pode destruir-se ou projetar-se na direção de experiências humanas inimagináveis e maravilhosas. Seu mundo é agora previsto e planejado. A homem,

consciência do mundo, tomou o seu próprio destino em suas mãos e descobriu nisso que a educação é um dos elementos de maior “poder de decisão” de seu presente e principalmente de seu futuro.

Mais do que nunca, em nossa sociedade, uma parte enorme dos significados sociais é transmitida a cada vez mais pessoas dentro de “situações educativas”. O velho professor da escola antiga virou de repente “um milhão de especialistas”, de “novos professores”, dedicados a transportar da sociedade para as pessoas e das pessoas para a sociedade a melhor porção daquilo que pode decidir a realização plena de ambos.

Uma viagem começada na Terra “muito antes da vida” deverá desaguar em uma reflexão de nosso próprio mundo atual. Dentro dele estaremos perguntando o que mudou na educação e como agora ela se “coloca” para responder às necessidades e urgências deste mundo. Ao fazer estas perguntas não estaremos acaso perguntando a respeito de sentido de nossa própria missão?

Em um dos andares da Universidade Católica do Rio de Janeiro, há duas portas em um canto de corredor. Quem salta do elevador ou chega pela escada encontra duas portas exatamente iguais e certamente imagina duas salas de aula bastante semelhantes: carteiras, o quadro-negro, a mesa do professor, janelas.

Em uma destas salas há pequenas poltronas dispostas em círculos. Os seus freqüentadores usam-nas algumas vezes pôr semana quando praticam o estranho ritual de permanecer duas horas, uns frente aos outros, sem outro compromisso se não o de “estar uns com os outros” aprendendo “uns com os outros”. Quem menos fala é uma pessoa que mal se destaca do grupo, e que em outras situações seria entretanto apontado como o professor. Mais estranho ainda, os outros participantes do círculo tratam-no como um companheiro de reunião com iguais direitos de comportamento. Poderiam colocá-lo para fora da sala, se em conjunto resolvessem isso. A conversa que ocupa essas duas horas está cheia de “casos pessoais”, “confissões”, “explicações a respeito de como-eu-sou”, enfim, de assuntos que justamente seriam proibidos nas salas de aula do andar de cima. Há momentos em que todos gargalham livremente, mas em alguns instantes o ambiente pode tornar-se tão tenso que para alguns de seus membros o círculo fica quase insuportável. Alguém chora, alguns consolam e é até possível que a um dado momento todos se dêem as mãos ou se abracem demoradamente. Não seria estranho se começassem a cantar. “teorias”, “princípios científicos a respeito de todas as coisas”, “fórmulas e explicações” não têm nessa sala a menor importância, e se alguém começasse a procurar para alguma coisa uma explicação científica é possível que fosse interrompido pelo colega mais próximo com a observação oportuna de que “isso é um assunto de fora”, não está dentro de um “aqui-e-agora” em que o grupo mergulha durante quase todo o tempo em que está reunido. A isso tem sido dado o nome de EDUCAÇÃO.



Na outra sala há uma série de pequenas cabines separadas com paredes de vidro para que um não escute o que o outro fala. Cada aluno tem em seus ouvidos um audíofone, e fala para o seu próprio gravador, ou para uma mesa central onde um professor igualmente equipado se dirige a cada aluno individualmente. Não há ninguém interessado no que faz o colega ao lado, e se alguém se retirasse da sala certamente nem seria notado. Com um pouco mais de cuidados descobre-se que cada aluno fala “para si mesmo” e ouve repetidas vezes a sua própria voz. Há um gravador para cada aluno e todos repetem palavras de alguma língua estrangeira que procuram pronunciar da melhor forma possível. A isso tem sido dado também o nome de *educação*. Algumas ruas abaixo, em uma escola para crianças, algumas delas estão sentadas no chão à volta de um círculo de tinta branca. Alas estão em silêncio como se estivessem profundamente concentradas, e no entanto a mais velha delas não teria mais de cinco anos. De repente, uma delas levanta-se e começa a caminhar lentamente pôr cima da linha reta também pintada de branco. Outras colegas seguem-na em profundo silêncio. Se um recém-chegado curioso perguntasse à professora o que as crianças estão fazendo, ela responderia com muita naturalidade: “estão sendo educa

No centro da cidade, em uma sala de um 11 andar, um grupo de adultos parece divertir-se em pleno horário de trabalho. Quatro pessoas estão sobre um pequeno estrado e parecem representar alguma peça teatral. Mesmo o crítico mais benevolente não poderia perdoar a torrente de erros primários que são cometidos a todo instante: a marcação é totalmente falha, os atores parecem nem sequer haver decorado suas partes. Alguns parecem mesmo estar inventando tudo ali mesmo, na hora. De repente, sentam-se junto a seus colegas. Tem início então um estranho debate. Ninguém se preocupa em analisar a atuação teatral dos atores, mas cada um dá a sua opinião sobre o que achou da situação que viu representada. Alguns dizem mesmo o que fariam se aquilo se passasse com eles, e no final todos concordam em que a “representação” trouxe uma contribuição muito significativa para que eles se tornassem mais conscientes de determinados problemas de “relações humanas” na repartição. Educação?

uma destas situações tem aspectos diferentes daqueles em que nós mesmos nos acostumamos a viver a nossa “educação escolar”. A forma de comportamento entre os alunos; as atitudes dos professores; aquilo que é considerado importante ou não; o conteúdo das aulas e finalmente a maneira como eles são apresentados e debatidos.

Ao mesmo tempo em, que todos falam de crises na educação, reconhecem também que há mudanças dentro dela. Assas mudanças são apontadas pôs críticos mais ferozes dos tempos modernos como sinais evidentes da decadência dos costumes e como a mais palpável demonstração de falência das escolas. Alguns pais se desesperam ante a eminência de precisarem colocar seus filhos “nestas escolas modernas onde o professor não manda nada e os alunos fazem o que

querem”. Outros são capazes de jurar que seus filhos adolescentes não aprendem hoje nas escolas nem a metade do que eles mesmos aprenderam nas suas.

O que mudou afinal na educação? E pôr que? Começemos pôr buscar as razões da segunda pergunta. Elas nos levarão naturalmente à primeira.

### ***Dilemas atuais - da pessoa para a sociedade***

Há uma enorme quantidade de descobertas a respeito da pessoa humana que têm sido acrescentadas a todas as ciências do homem. De alguma forma, todas elas vão influir sobre a Educação. Vamos, entretanto, tomar inicialmente três das mais significativas. Outras delas irão sendo desenvolvidas na medida em que começarmos a analisar com mais detalhe “situações pedagógicas”, principalmente aquelas que acontecem nas relações grupais dos treinamentos de pessoal.

Para que estas nossas reflexões sejam mais imediatas, vamos proceder da seguinte forma: um determinado aspecto que caracteriza a pessoa ou a sociedade de hoje é analisado, e logo após a conseqüência para a educação é apresentada.

1º) *A pessoa é uma continuidade de vida e aprendizagem*: até pouco tempo atrás, a vida do homem era rigidamente dividida para fins de educação e trabalho. Havia uma fase de vida para aprender, para estudar. Havia uma fase para aplicar socialmente a aprendizagem feita. Quando um adolescente ou jovem recebia em seu colégio ou na universidade o seu “diploma final”. A festa de formatura tinha um autêntico sabor e despedida. De fato, na imensa maior parte dos casos ela representava uma rígida separação entre um e outro momento de vida, os dois completamente diferentes.

O correspondente psicológico desta perspectiva que envolveu o nosso próprio tempo de permanência na escola (nossa geração foi vítima também desta maneira de encarar o homem ) foi este: o desenvolvimento das capacidades que podem ser modificadas pela educação se dá na infância e na adolescência e juventude. A pessoa é um ser que nasce incompleto e tem que ser “preparado” para a sociedade dentro de um limite de tempo em que esta “preparação” pode ter algum efeito. Depois de uma certa idade ela está pronta para a sociedade: desenvolveu-se, amadureceu, aprendeu. As fases seguintes de sua vida seriam caracterizadas pôr uma longa “repetição de si mesma”. Esperava-se do adulto educado que ele fosse tão perfeito que desgraçadamente não teria mais em que se aperfeiçoar, e conseqüentemente não teria a educação mais nenhum compromisso com ele.

A presença, tão comum em nossos dias, de adultos e até mesmo de velhos nos bancos das escolas demonstra uma forma nova e oposta de compreender as possibilidades do homem. Hoje ele é considerado como um ser imperfeito, mas sempre aperfeiçoável. Ainda que os momentos mais decisivos de sua socialização

sejam os de sua infância e adolescência, quando a maturação dá verdadeiros saltos qualitativos, ele permanece também como um sistema aberto”, sempre capaz de ressocializar-se, de transformar-se, de incorporar novos níveis de experiência. O homem hoje não acredita mais que “papagaio velho não aprende a falar”. E a educação deste homem começa a transformar-se de uma maneira muito significativa. Ela deixa de ser uma “passagem” na vida de cada um de nós e começa a transformar-se em uma *permanência*.

Falamos de uma educação permanente que nos acompanhe dos primeiros aos últimos dias de vida, não somente na escola, mas através de toda uma infinidade de “situações educativas” colocadas á nossa disposição, para que possamos encontrar “condições sistematizadas” de realizar um processo pessoal de “crescimento humano” que não seja mais interrompido. Os próprios treinamentos são bem uma indicação disso. Eles foram concebidos inicialmente como situações de emergência para “dar no mínimo de tempo o máximo de capacitações especializadas”. Hoje se começa a pensar em *programas de formação* permanentes e capazes de mobilizar o “crescimento total” de seus participantes. Voltaremos a isso com muita insistência, é um dos aspectos mais decisivos no “agora e amanhã do educador”.

*Tradicionalmente, a educação vem sendo concebida como ligada a um momento particular da vida. Em outros termos, a vida tem sido dividida em duas fases: uma primeira fase de preparação, e uma segunda para usufruir aquilo que foi aprendido na primeira. Este conceito de educação, este hiato estabelecido entre a formação dada na fase escolar da existência e a utilização dessa formação ao longo da vida, parece fadada a desaparecer pouco a pouco de nosso mundo caracterizado pôr uma infinidade de rápidas transformações. (Deleon: 1.)*

*A Educação Permanente é uma concepção dialética da educação como um duplo processo de aprofundamento, tanto da experiência pessoal quanto da vida social global, que se traduz pela participação afetiva, ativa e responsável de cada sujeito envolvido, qualquer que seja a etapa da existência que esteja vivendo.*

*Esta definição - mero instrumento de trabalho e, portanto, provisória - inclui três pontos fundamentais:*

- 1. que qualquer atividade humana presta-se a uma formação;*
- 2. que a educação é a atividade de um sujeito, e não um conjunto de instituições;*
- 3. que a educação é sumamente ligada à nossa maneira de viver o tempo e os tempos; consiste em aprender como organizar sua vida no tempo, seja qual for a idade cronológica de alguém.(Furter: 143.)*

2º) Os processos mais importantes do “crescimento humano”\_ foram durante muito tempo estática e rigidamente concebidos: inteligência, formação de hábitos salutarres, controle das emoções pessoais, etc. Quanta coisa se investe em nossa época! Ainda que alguns destes indicadores antigos da “maturação” de uma pessoa possam se conservar na educação de hoje, novos aspectos foram acrescentados a ela, e estes sim, começam a ser os mais importantes. Descobrimos de repente a importância do desenvolvimento da espontaneidade, da criatividade e da criticidade. Descobrimos a importância da capacidade de expressar sentimentos e de compreender expressões de sentimentos. E descobrimos que qualquer forma de educação forma o homem inteiro, porque ainda que possam ser separadas didaticamente, as expressões de educação, dentro do homem são integradas dentro de uma totalidade de pessoa onde cada aprendizagem particularizada afeta o equilíbrio do todo psíquico.

A educação de nosso tempo começa a orientar-se no sentido de desenvolver na pessoa aquilo que promove o seu verdadeiro desenvolvimento. É aqui que ganham sentido alguns dos exemplos de situações educativas que apresentamos páginas atrás. Uma preocupação fundamental de educadores de nosso tempo é descobrir sistemas e métodos que desenvolvam na pessoa aquilo que possibilita a continuidade de seu próprio desenvolvimento a níveis cada vez mais profundos, ao invés de simplesmente instrumentalizá-la para a execução mecânica e perfeita de um mínimo de capacitações funcionais.

Estas conseqüências, que trazem transformações radicais na educação de crianças, começam a provocar mudanças também nas formas de educação de pessoas adultas.

Quando procuramos a razão pela qual certos métodos são substituídos pôr outros, o que encontramos não é apenas um “aperfeiçoamento metodológico” para ensinar a mesma coisa de maneira diferente. Justamente porque “as coisas” a serem ensinadas ganharam uma nova dimensão é que os métodos correspondentes têm que ser mudados. Pôr exemplo, a “dinâmica de grupos” jamais poderia ser aplicada como situação educativa numa época em que não se dava importância alguma ao desenvolvimento da espontaneidade e da crítica pessoal. A didática de então era destinada a fazer com que o educando absorvesse um máximo de conhecimento alheio com um mínimo de interferências pessoais.

3º) Amadurecer (educar-se) significa desequilibrar-se em um nível mais estável e dinâmico de maturação. Qualquer coisa aprendida parte, para cada um de nós, de alguma coisa que “já tínhamos dentro de nós”, e desequilibra essa integração de experiências pessoais anteriores. Mas “essa coisa nova” é justamente aquilo que pode ser incorporado em uma esfera ainda mais complexa de experiências pessoais. Pôr isso a educação é compreendida hoje como um

processo de permanente mudança de atitudes, de permanente reequilíbrio de todo o nosso sistema psíquico.

*Sendo a vida, fundamentalmente, uma atividade auto-reguladora, comporta uma energética (afetividade) e uma forma (inteligência em todos os seus graus). As “formas de ação” (estratégias de comportamento) partem dos esquemas hereditários que são formas dinâmicas ou funcionais, necessariamente ligadas às formas estáticas ou anatômicas constituídas pela estrutura dos órgãos. Estas formas básicas...através de sua atividade assimiladora sofrem processos de acomodação (feedback) que levam a adaptação a níveis cada vez mais móveis e mais estáveis (percepções, hábitos, representação simbólica, contrações intuitivas, operações concretas até os processos lógico-matemáticos), o que leva a crer que o objetivo fundamental da educação é propiciar situações em que esta equilíbrio sequencial seja possível”. (Lima:2.)*

### **Dilemas atuais – da sociedade para a pessoa**

Eis então o nosso homem da “época atual”: nosso filho, nosso companheiro de trabalho, nós mesmos, nosso treinando: um ser para quem a educação começa a se propor como um processo permanente, porque ele pode sempre melhorar, aperfeiçoar-se, crescer; um ser para quem a educação começa a colocar-se no sentido de desenvolver formas novas de “comunicar-se consigo e com o seu mundo” porque é sendo mais criativo, mais espontâneo e mais crítico que ele contribui “mais pessoalmente” para o seu grupo social e pode descobrir níveis de realização pessoal muito mais profundos; um ser para quem a educação precisa ser estendida como um processo totalizado de crescimento humano porque ele não funciona como um “robô montado de partes separadas”, mas como uma integração de experiências sociais que pode reorganizar-se em níveis pessoais sempre mais completos.

Há um tema constante entre os assuntos de todo o dia no Mundo de hoje: as mudanças econômica, sociais e culturais e o que elas têm provocado na vida das pessoas, dos grupos e das sociedades.

Sentimos que este nosso mundo é bastante diferente daquele que nos antecedeu e do qual nossos pais nos dão um relatório vivo. Sentimos que mesmo em nossa época quase tudo se modifica, e cada vez mais aceleradamente.

Sociólogos, antropólogos, economistas, psicólogos, educadores, políticos, todos são hoje homens preocupados não tanto com o estudo do mundo, das

peças, das sociedades, da cultura, mas com o permanente movimento de mudança que modifica todas as coisas a todo momento.

Dentro deste torvelinho de modificações que atravessa toda a “vida atual” há alguns aspectos que interessam de perto ao educador, especialmente ao educador-treinador.

Alguns foram vistos na parte anterior, com relação à maneira como se compreende a pessoa humana atualmente; alguns serão vistos agora; são aqueles que de modo geral trouxeram conseqüências importantes para a educação de nosso tempo; alguns serão finalmente vistos mais em concreto quando analisarmos o problema do treinamento.

O mundo do passado modificava-se lentamente: a conquista da tecnologia aparecia com um espaço de muitos anos entre uma e outra; os costumes, as normas, os comportamentos atravessavam gerações quase inalterados; as crenças, as maneiras de compreender e interpretar toda a realidade perduravam o tempo de muitas gerações; os conteúdos das “coisas” ensinadas nas escolas, assim como a “maneira” de ensinar, eram tão mais consagrados quanto mais antigos, mais permanentes.

Nas pequenas cidades e nas cidades “grandes” das sociedades pré-industriais, cada geração passava a sua existência mergulhada nos mesmos objetos, nos mesmos costumes, nas mesmas idéias. Poder-se-ia dizer que várias gerações atravessavam um mesmo mundo.

Muitas vezes valorizava-se mais o que respeitava ou mantinha a “tradição” ou “os conhecimentos e valores consagrados pelos anos” do que aquilo que representasse uma contribuição nova. Não foram raros os casos em que o “novo” aparecia à sociedade tradicional como uma ameaça à segurança de todos, sendo o seu inventor severamente controlado e punido. O mundo de antigamente está cheio de Galileus e Guttembergs.

Em sociedades muito simples as relações entre as pessoas eram rigidamente controladas pelas instituições e legitimações sociais. As situações de conflito entre pessoas: ou eram inexistentes ou imediatamente controladas. As normas e os costumes estavam em universos simbólicos inquestionáveis, e se impunham a todos com poucas possibilidades de uma verdadeira “autonomia pessoal”.

É muito interessante observar isso na própria propaganda de produtos de consumo. Era costume dar valor a um produto pela sua antiguidade, e os anúncios enfatizavam quase sempre aspectos como “de pai para filho desde 1935”, ou “famoso há mais de meio século”. Comparemos com a situação atual, quando um mesmo produto aparece “com nova fórmula” ou “inteiramente modificado” a todo momento. Mais ainda, as fábricas hoje em dia “criam” novos produtos continuamente.

Seria verdadeiro dizer que as pessoas pagavam com os limites de sua própria liberdade e garantia de uma sociedade onde se pudessem sentir a salvo de perigos e ameaças. Em nosso mundo de hoje, parece que cada vez mais se quebram estas relações estáticas em todos os níveis.

O homem assume de repente o controle do mundo, e a tecnologia introduz “novas descobertas” apenas com o espaço de alguns dias; comportamentos, costumes e normas são seguidamente postos em questão: leis e constituições são reformuladas, códigos de moral e ética são interpretados de formas muitas vezes divergentes; e a respeito do homem e seu destino aparecem múltiplas interpretações. Nas escolas, desde as maternais até aos cursos de pós-graduação, os professores se reúnem a todo o momento para descobrir o que “há de errado” nos conteúdos e nas metodologias atuais, e o que será preciso modificar para o próximo semestre.

Ainda que algumas coisas continuem valorizadas pela sua permanência, dentro de todas elas há uma insistente necessidade de renovar, recriar, reelaborar. O “novo”, o “desenvolvido” e o “atual” tornam-se nosso mundo os critérios de valor mais importantes. Vivemos em um mundo que não só se modifica como valoriza a mudança como a sua conquista mais significativa. Há uma frase do teatrólogo alemão Bertolt Brecht que expressa muito bem um quase lema de nosso tempo: “Dado que as coisas assim estão, assim não permanecerão”. Na verdade, o homem de nosso tempo acredita que pelo simples fato de alguma coisa existir, ela se irá modificar. Mais ainda, ou as coisas do mundo se modificam ou deixam de existir: manter-se é transformar-se. Se ao tempo de nossos antepassados várias gerações passavam por um mesmo mundo, ocorre que em nosso tempo vários mundos passam ao longo de uma mesma geração.

Naquele mundo estático de modificações lentas, um homem aprendia de seu pai e transmitia, tal como recebeu, a seus filhos: as mesmas idéias a respeito de Deus, do Mundo e do Homem; os mesmos princípios de moral e conduta social; a mesma maneira de fazer um ofício qualquer, de lecionar, de escrever, ou de advogar. As coisas aprendidas eram “verdades” ou “técnicas” consagradas, que podiam manter-se ao longo de uma vida humana, quase inalteradas. Pôr exemplo, com o que aprendeu em uma oficina de carpinteiros um jovem podia viver toda a sua vida profissional, da mesma maneira como podia vivê-la, toda, aquele que saísse de uma universidade onde aprendeu “as leis humanas”. Conteúdos ou habilidades que serviam para toda uma vida eram ensinados através de metodologias pedagógicas que atravessavam “muitas vidas”.

Por outro lado, em nosso mundo de mudanças, onde só permanece o que se transforma, ao tornar-se dinâmica a sociedade se tornou também muito mais complexa (mais necessidades, mais funções, mais “status”), mais diferenciada (uma estrutura muito mais cheia de elementos e mantendo relações muito mais variadas), e conseqüentemente muito mais conflitiva. Uma das características

mais marcantes de n osso mundo é o fato de que quase todas as formas de relações sociais, grupais e pessoais são ou podem ser conflitivas. Palavras como conflito e crise são usadas a todo o momento para qualificar as “relações humanas” na sociedade contemporânea.

Dentre todas as mudanças pelas quais a sociedade passou até chegar aos nossos tempos há uma que é especialmente importante: ela se democratiza progressivamente.

Claro, de uma para outra sociedade há ainda muitas diferenças, mas de modo geral “nosso mundo se democratiza”: quando determinados direitos e privilégios são estendidos a mais pessoas; quando a justiça social torna-se uma preocupação intensa e geral; quando maiores possibilidades de realização pessoal são estendidas a mais pessoas; quando muito mais pessoas de todas as classes são chamadas a participar em várias formas e níveis da vida comunitária e nacional.

Essa democratização progressiva, na mesma medida em que aumenta as possibilidades de “realização”, trás uma nova dimensão de responsabilidades para as pessoas. Os limites dos compromissos de todos são vertiginosamente alargados e aprofundados. O homem novo é sobretudo um homem com novos compromissos sociais.

Os limites estreitos do mundo de ontem foram também multiplicados. Há possibilidades de comunicação e um novo “interesse planetário” que modifica aos poucos toda a dimensão de vida de cada um de nós. De repente, descubro que a construção de uma estrada na Amazônia é importante para mim, da mesma forma como me abala o último ciclone no Paquistão.

O que poderia exigir da educação um mundo agora tão dinâmico e renovado, tão aberto ao conflito, tão diferenciado e pôr isso mesmo exigindo das pessoas níveis cada vez mais profundos de especialização, tão progressivamente democratizado?

Procuremos relacionar a cada acontecimento “de nosso mundo” explícito ou implícito em nossa análise, uma tendência da educação para a época atual. Vamos nos preocupar em enumerar os aspectos mais gerais. Há problemas muito específicos.

1º) Uma das vocações essenciais da educação é integrar as gerações mais novas numa sociedade preexistente a elas. Essa é sua dimensão socializadora em seu sentido mais amplo.

Na sociedade atual essa função se passa em um contexto de modificações contínuas em todos os setores da vida social.

Em uma sociedade dinâmica a educação também deve ser um processo social para a mudança. Ela deve organizar-se sistematicamente como um processo que, na mesma medida em que conserva os valores necessários à manutenção da



estrutura e da vida social, facilita as mudanças necessárias em todos os níveis da sociedade<sup>1</sup>.

2º) A função socializadora da educação é feita em parte na medida em que as significações dadas pela sociedade todas as coisas da realidade são co-participadas, são compartilhadas pôr todos os seus membros. Os conhecimentos (filosofia, religião, ciência, etc) e os valores (costumes, código de moral, princípios éticos, etc.), são transmitidos de pessoa a pessoa, de uma geração a outra, em grande parte através de processos educativos;

Na sociedade atual essa co-significação e passa em um contexto de mobilizações de conteúdos, de conhecimentos e de significações que perdem cada vez mais seu caráter “eterno” sendo constantemente renovados ou substituídos.

Em uma sociedade de significados e valores continuamente renovados, não há mais “verdades eternas” ou conteúdos definitivos a transmitir. Mais importante do que fazer as pessoas assimilarem ou armazenarem conhecimentos torna-se imperioso desenvolver a capacidade de investigação pessoal, da crítica e da criatividade. É mais importante transmitir processos de descoberta pessoal dos significados sociais do que transmitir conhecimentos acabados a respeito destas significações.

Este será um motivo social que explica porque a educação de hoje é mais ativa, mais participada, e mais preocupada em desenvolver a criatividade.

3º) Do ponto-de-vista puramente sociológico diz-se que a educação tem uma dupla função de conservação e de renovação da cultura. Na verdade, em todas as épocas a educação foi um instrumento através do qual valores e conhecimentos tradicionalmente aceitos e ainda vivos na sociedade eram conservados ao passarem de uma a outra geração. Na verdade, também, cada “momento de passagem” representa uma forma e renovação, porquanto uma outra consciência (sobretudo a consciência de uma criança ou de um jovem), ao assimilar “sua educação”, renova o que recebeu. Além disso, a faixa educativa da sociedade é uma faixa de investigação e pesquisa, de descoberta de valores e conhecimentos novos que possam ser legitimados e tornados também uma “cultura viva” de um povo.

Na sociedade atual a vocação renovadora da educação é fortemente destacada. Num mundo em mudança, a necessidade novas descobertas e novos valores que possam ser integrados na sociedade é em parte resolvida como uma ameaça; para a educação do presente através de uma educação que cumpra essa dupla função: a)

---

<sup>1</sup> *Cabe a ela contrapor-se, também com finalidades terapêuticas, a todas as forças entrópicas que levam, quer pela estagnação, quer pela aceleração excessiva e imoderada do processo, à ruptura a equilíbrio da vida social.* (Ulhoa: 2.)

transforme-se em um verdadeiro campo de investigação e descoberta; b) crie em seus educandos a capacidade de descobrir as formas de re-equilibrar-se permanentemente ao longo das mudanças sociais das quais eles devem participar sempre como um sujeito ativo e um beneficiário adequado.

Se a educação do passado era um fator de manutenção de equilíbrios sociais e culturais, e encara o novo como uma ameaça; para a educação do presente a função correspondente é a de re-equilibrar (no sentido de manter-se em relação dinâmica com uma sociedade em processo) pessoas, grupos e a própria sociedade.

4º) A educação formal das escolas (não das oficinas) foi considerada durante muitos séculos (talvez milênios) como um privilégio das elites sociais. Como tal ela era totalmente dividida, em seu sentido mais amplo. Para aqueles que trabalhavam com suas próprias mãos a educação era o aprendizado exclusivamente de algumas habilidades profissionais altamente limitantes.

Para as classes ociosas ela foi sempre um apanhado de conhecimentos inaplicáveis para um benefício social democrático.

Uma sociedade em mudanças e em plena democratização como a nossa sociedade atual exige uma participação: integral, no sentido de que “eu participo de minha sociedade” não através do que eu posso oferecer como “função especializada” mas através da totalidade da minha pessoa com tudo o que eu posso oferecer de pessoal (e este pessoal, já vimos, é o espontâneo, o crítico, o criativo, o participado, etc.).

E exige uma participação funcionalizada no sentido de que eu não posso deixar de contribuir com algo efetivamente útil (e o útil em nosso mundo moderno é o operativo, o funcional o especializado). O tempo do “especialista em generalidades” dá lugar ao profissional especializado (funcionalizado), mas igualmente pessoalizado (integrado).

Sempre se reconheceu depois de Durkheim que a educação tem uma função diferenciadora (ela diferencia em cada um o que cada um pode desenvolver pessoalmente) e uma função homogeneizadora (no sentido de que ela desenvolve em todos o que é comum, que faz o “sócio”, na sociedade), A educação da sociedade atual assume para com todos a responsabilidade de desenvolver a *pessoalidade socializada*: aquilo de que eu necessito para ser tanto “eu mesmo” quanto mais eu estou “pessoalmente integrado em minha sociedade”. E assume também a função de instrumentalizar e capacitar efetivamente as pessoas, de modo a que cada uma possa assumir uma posição pessoalmente produtiva em seu nível de trabalho.

5º) Para uma sociedade estática, onde muitas gerações atravessam um mesmo mundo, a educação poderia ser um acontecimento esporádico e provisório na vida de cada um. Com um pouco de conhecimentos, dados ao longo de poucos anos da infância e da adolescência, a maior parte das pessoas “podia” atravessar sua

existência ao nível de trabalho e ao nível de relações sociais. Em uma sociedade dinâmica, quando uma só geração atravessa “vários mundos” torna-se necessário para cada pessoa uma permanente atividade de reincorporação de novos conhecimentos, novos aprendizados e novos processos pessoais de seguir educando-se.

Para a sociedade atual a educação deixa progressivamente de ser um processo temporário e torna-se cada vez mais permanente, porque as mudanças sociais constituem-se para o homem ( sempre imperfeito, mas sempre aperfeiçoável) como um permanente desafio, e a única resposta possível é uma permanente reatualização. Em nome de sua progressiva democratização (mais educação para mais pessoas) e de sua progressiva permanência (mais tempo de educação na vida de cada um ), a educação assume uma nova dimensão, e precisa descobrir “formas novas” de organização. Não é apenas pôr causa de problemas puramente metodológicos. Estes problemas sim, é que são decorrência dessa nova posição da educação na sociedade atual.

*Chegamos aqui a uma conclusão fundamental: as mudanças que precisamos enfrentar no desenvolvimento da educação representam o início de alguma coisa que poderíamos chamar de uma grande, uma enorme revolução educacional. Não mais se trata de pequenas reformas e melhorias parciais. Não se trata mais de educação popular, nem de educação de adultos, nem de atividades culturais, nem de promoção cultural, nem de promoção social, nem mesmo de educação permanente no velho sentido do termo: trata-se de uma vasta síntese, de diferentes atividades, de diferentes aproximações, de diferentes aspectos da educação. Trata-se de ver os problemas da educação em seu conjunto, de procurar reuni-los, correlacioná-los numa síntese, numa aproximação sintética dos diferentes meios, caminhos, instituições. É preciso que a educação se libere de sua dispersão, de seu fracionamento.” (Deleon: 12)*

**BIBLIOGRAFIA**  
**(todos, livros dos “anos sessenta”)**

FURTER, PIERRE  
EDUCAÇÃO E REFLEXÃO  
 ED. VOZES - PETRÓPOLIS - 1966

LEWIS, JOHN  
O HOMEM E A EVOLUÇÃO  
 ED. ZAHAR - RIO DE JANEIRO - 1968

CHARDIN, P IERRE T.  
LE PHENOMÈNE HUMAIN  
 ED. DU SEUIL - PARIS  
 (EXISTE TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS)

FRIEDMAN, ESTELLE  
A FORMAÇÃO DO HOMEM  
 FUNDO DO CULTURA - RIO DE JANEIRO - 1963

LIMA, LAURO DE OLIVEIRA  
NOVOS RUMOS DA EDUCAÇÃO  
 MATERIAL MIMEOGRAFADO.

LIMA, LAURO DE OLIVEIRA  
 EDUCAR PARA A COMUNIDADE  
 ED. VOZES - PETRÓPOLIS - 1965

SAGMACS ( EQUIPE )  
EDUCAÇÃO E PLANEJAMENTO  
 ED. VOZES - PETRÓPOLIS - 1965

CIRIGLIANO, GUSTAVO, G. G.  
FENOMENOLOGIA DA EDUCAÇÃO  
 ED. VOZES - PETRÓPOLIS - 1969

PEREIRA, LUÍS E FORACCHI, MARIALICE M.  
EDUCAÇÃO E SOCIEDADE  
 CIA. ED. NACIONAL - S. PAULO - 1964

DEWEY, JOHN  
DEMOCRACIA E EDUCAÇÃO  
 CIA. ED. NACIONAL - S. PAULO - 1959

FURTER, PIERRE  
EDUCAÇÃO E VIDA  
 ED. VOZES - PETRÓPOLIS - 1966

AZEVEDO, FERNANDO DE  
SOCIOLOGIA EDUCACIONAL  
ED. MELHORAMENTOS - S. PAULO - (SEM DATA)